

Editorial

A qualidade da TV para além do seu sinal

As novas mídias chacoalharam as estruturas da comunicabilidade e da sociabilidade humanas nas últimas décadas, mas não foram (ainda?) suficientes para destronar a televisão como o mais poderoso e influente meio de comunicação. Mesmo que a internet esteja modificando sensivelmente os hábitos de consumo, a linguagem e os formatos, aquilo que já foi mobiliário, eletrodoméstico, babá eletrônica, única companhia dos solitários, entre outras denominações, permanece na agenda de quem produz, pensa e consome conteúdos audiovisuais.

Neste número, o **Estudos em Jornalismo e Mídia** (EMJ) se debruça sobre um aspecto cada vez mais discutido da televisão, a sua qualidade. Houve um tempo em que o debate acerca desse aspecto se restringia a especificações técnicas que determinavam nitidez do sinal recebido, saturação de cor, clareza de áudio, ausência de chuviscos etc. À medida que os públicos foram aderindo à novidade, suas dietas informativa e diversional também foram se ampliando e se diversificando, e o aumento da exigência foi uma consequência natural do processo de assimilação daquela gramática comunicativa.

Falar de qualidade significa debater padrões, empreender uma crítica honesta e rigorosa, considerar as condições de produção e de difusão de conteúdos, avaliar o impacto daquela tecnologia nas culturas e nas sociedades. Por isso, o eixo temático desta edição traz renomados pesquisadores brasileiros e internacionais que vêm fortalecendo uma relevante tradição de crítica da qualidade televisiva. Da França, Jost se pergunta como se pode falar de qualidade. Seu texto, apresentado originalmente num evento no Centre d'Étude des Images et Sons Médiatiques, mobiliza e articula vários estudos de caso e reflexões para resultar num conceito de qualidade na televisão. Para preservar a verve leve e inteligente do professor Jost, mantivemos o texto no idioma

original, abrindo uma exceção aos artigos que comumente publicamos na EJM em português, espanhol e inglês.

De Portugal, Cintra Torres enfrenta (e busca ultrapassar) as causas da dificuldade que os acadêmicos têm para abordar o tema da qualidade na TV. Não seria uma recusa da universidade em cercar esse objeto?

Mais preocupada com a produção brasileira e o que chamamos de aspectos que ajudariam a caracterizar a qualidade, Duarte se concentra no caso da Rede Globo, emissora hegemônica e vanguardista na determinação de padrões reproduzíveis no mercado local. Castro se detém sobre o mesmo conglomerado midiático, mas com um olhar sobre a autorreferencialidade, procurando formular uma gramática do promocional, examinando regras fundadoras e estratégias estruturantes das produções televisuais.

Já Puhl e Donato se questionam como é apresentada a cobertura jornalística em programas televisivos que mesclam informação e entretenimento, como é o caso do quadro Proteste Já, do Custe o Que Custar (CQC), exibido na Rede Band de Televisão.

Coutinho e Mata analisam as especificidades dos papéis desempenhados pelos telejornalistas em coberturas de catástrofes climáticas, notadamente nos deslizamentos no Morro do Bumba, em abril de 2010 em Niterói, e nos municípios serranos fluminenses, em janeiro de 2011.

Vizeu e da Silva debruçam-se sobre o telejornalismo e a atuação dos públicos como coprodutores de notícias, e indagam: trata-se de jornalismo de apuração ou de mera disseminação? O cenário avaliado é o do TV Jornal Meio-dia, telejornal de abrangência local de Pernambuco.

Piccinin avança em investigação que tem como base a ideia de que as tecnologias digitais associadas às analógicas têm gerado formatos híbridos no telejornal. Seu ponto de observação é a cobertura de cotidiano feita pelo programa TV Folha.

Porcello empreende um percurso instigante, que liga dois marcos extremos da produção televisiva brasileira – Boni e Boninho – e que sinaliza partes significativas das mudanças estéticas e conceituais desse meio para atrair a classe média.

A **Estudos em Jornalismo e Mídia** oferece ainda três artigos de temas livres. O primeiro deles é a transcrição de uma palestra do pesquisador e ativista da democratização das comunicações no Brasil, Daniel Herz. Datada de agosto de 1988, a fala aborda o pensamento de Adelmo Genro Filho, um dos primeiros nomes nacionais a se preocupar com teorias do jornalismo. A transcrição da conferência de Daniel Herz, com esclarecedoras notas de rodapé que contextualizam seu discurso, ficou a cargo do professor Felipe Simão Pontes, a quem agradecemos publicamente a generosidade e o cuidado.

Reginato analisa a cobertura jornalística da Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável (Rio+20), tendo em vista o conceito de acontecimento jornalístico e levando em consideração as revistas *Veja* e *Época*. Também imersos nas reflexões sobre o acontecimento jornalístico, Silva, Coelho e Tavares problematizam as diferentes imagens de morte urdidas pela imprensa.

Nas últimas páginas, oferecemos a resenha de Angrisano sobre o livro “Do que as séries americanas são sintoma?”, assinado pelo professor François Jost, quem justamente inaugura essa edição. Completamos o círculo e, com ele, esperamos também ter fortalecido um elo com o leitor.

Boa leitura!

Rogério Christofolletti, editor

Cárlida Emerim, subeditora